JUAN PABLO VILLALOBOS

Te vendo um cachorro

Tradução
Sérgio Molina

Companhia Das Letras

Copyright © 2014 by Juan Pablo Villalobos

Publicado originalmente na Espanha por Editorial Anagrama S. A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Te vendo un perro

Capa
Elisa von Randow

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Thaís Totino Richter
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Villalobos, Juan Pablo.
Te vendo um cachorro / Juan Pablo Villalobos; tradução Sérgio Molina. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: Te vendo un perro.
ISBN 978-85-359-2631-6

1. Ficção mexicana I. Título.

15-06182 CDD-863

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura mexicana 863

[2015]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

11 Teoria estética
125 Notas de literatura

TEORIA ESTÉTICA

Naquele tempo, todas as manhãs, ao sair do meu apartamento, o 3-C, eu topava no corredor com a vizinha do 3-D, que tinha enfiado na cabeça que eu estava escrevendo um romance. A vizinha se chamava Francesca, e eu, era só o que me faltava, não estava escrevendo romance nenhum. O nome dela devia ser pronunciado *Frantchesca*, para que soasse mais malandro. Depois de nos cumprimentarmos com um movimento de sobrancelhas, ficávamos esperando na frente do elevador, que dividia o prédio em dois e subia e descia como o zíper de uma braguilha. Por causa de comparações como essa, Francesca vivia dizendo a todos os vizinhos que eu andava me insinuando para ela. E também por chamá-la de Francesca, que não era seu nome verdadeiro, mas o nome que eu tinha lhe dado no meu suposto romance.

Às vezes o elevador levava horas para chegar, como se não soubesse que os usuários eram velhos e achasse que tínhamos todo o tempo do mundo à frente, e não atrás. Ou como se soubesse e estivesse pouco se lixando. Quando as portas afinal se abriam, nós dois entrávamos, começávamos a descer devagari-

nho, ao mesmo tempo que as cores começavam a subir ao rosto de Francesca, por puro efeito metafórico. O aparelho seguia tão lentamente que parecia acionado por mãos maliciosas que demorassem de propósito, para aumentar os calores e adiar a consumação, a descida do zíper. As baratas, que infestavam o prédio, aproveitavam a viagem e iam visitar as colegas do hall. Eu usava esse tempo livre no elevador para esmagar umas tantas. Era mais fácil caçar as baratas ali do que em casa, nos corredores ou no hall, se bem que mais perigoso. Eu tinha que pisar firme mas sem exagero, para não corrermos o risco do elevador desabar. Pedia a Francesca que ficasse quieta. Uma vez pisei no seu dedão, e ela me obrigou a lhe pagar o táxi até o podólogo.

No hall, Francesca era aguardada pelos seus capachos da tertúlia literária, coitados: ela os obrigava a ler um romance atrás do outro. Passavam horas no hall, de segunda a domingo. Tinham comprado no camelô umas miniluminárias a pilha com um prendedor e uma lente de aumento, que eles punham na capa do livro. Feitas na China. Cuidavam daquela bugiganga com um carinho tão indecente que parecia a invenção mais importante depois da pólvora e do maoismo. Eu me esgueirava por entre as cadeiras, dispostas em círculo, como numa terapia de reabilitação ou numa seita satânica, e quando chegava ao portão e pressentia a iminência da rua, com seus buracos e seu cheiro de fritura, gritava como despedida:

— Quando acabarem de ler o livro, me deem! Tenho uma mesa capenga!

E Francesca respondia, invariavelmente:

— *Frantchesca* é nome de puta italiana! Velho safado!

Eram dez tertulianos, mais a líder. De vez em quando um deles morria ou era declarado incapaz de continuar vivendo sem assistência e despachado para um asilo, mas Francesca sempre dava um jeito de engambelar o novo inquilino. O prédio tinha

doze apartamentos, distribuídos em três andares, quatro por andar. Todos os moradores eram viúvos e solteirões, ou melhor, viúvas e solteironas, porque a maioria eram mulheres. O prédio ficava no número 78 da rua Basilia Franco, uma rua como outra qualquer da Cidade do México, tão arrebentada e imunda como outra qualquer, quero dizer. Sua única anomalia era exatamente essa, o gueto da terceira idade: *o prédio dos velhinhos*, como era chamado pelos outros moradores do quarteirão, um prédio tão velho e decrépito como seus habitantes. O número do edifício era o mesmo da minha idade, com a diferença de que a numeração da rua não aumentava a cada ano.

A prova de que a tertúlia na verdade era uma seita estava no fato de seus membros aguentarem tanto tempo sentados naquelas cadeiras. Eram cadeiras dobráveis, de alumínio, com o logotipo da cerveja Modelo. Estou falando de fundamentalistas literários, gente capaz de convencer o gerente de marketing da cervejaria a lhes doar as cadeiras como parte do seu programa de incentivo à cultura. Mais rebuscado impossível, mas a propaganda subliminar funcionava: eu saía do prédio e ia direto para o boteco beber a primeira cerveja do dia.

A tertúlia não era a única desgraça na rotina do edifício. Hipólita, do 2-C, dava aulas de modelagem em miolo de pão às terças, quintas e aos sábados. Havia também um instrutor que vinha às segundas e sextas para eles fazerem ginástica aeróbica ali perto, no Jardim de Epicuro, um parque cheio de mato e arbustos, onde, mais do que oxigênio, o que se respirava era dióxido e monóxido de carbono, óxidos de nitrogênio e de enxofre. Francesca, que tinha sido professora de línguas, dava aulas particulares de inglês. E ainda tinha ioga, informática e macramê. Tudo organizado pelos próprios moradores, convencidos de que a aposentadoria era um segundo jardim de infância. Eu era obrigado a aguentar tudo isso, além do estado lamentável em que o

prédio se encontrava, mas, em compensação, o preço do aluguel estava congelado desde o princípio dos tempos.

Também organizavam excursões a museus e locais de interesse histórico. Cada vez que pregavam, no hall, o aviso de visita a uma exposição, eu perguntava:

— Alguém aí sabe quanto cobram pela cerveja nesse antro?

Não era uma pergunta à toa, eu tinha chegado a pagar cinquenta pesos por uma cerveja no café de um museu. Um mês de aluguel! Não podia me permitir esse tipo de luxo, tinha que sobreviver com minhas economias, que, segundo meus cálculos, dariam, neste ritmo, para mais oito anos. O bastante, eu pensava, para que a parca viesse me pegar antes de eu ficar liso. *Neste ritmo*, aliás, é o que as pessoas normalmente chamam, com mais elegância, de *vida estoica*, e que eu chamo simplesmente de vida ruim. Eu tinha que ir contando meus tragos ao longo do dia para não sair do orçamento! E sempre os contava, metodicamente; o problema é que de noite eu perdia a conta. Portanto os oito anos talvez estivessem mal calculados, e fossem sete ou seis. Ou cinco. E ver que a soma do que eu bebia todos os dias virava uma contagem regressiva me deixava bastante nervoso. E quanto mais nervoso eu ficava, mais difícil era não perder a conta.

Em outras ocasiões, durante a descida do elevador, Francesca se dedicava a me dar conselhos para a elaboração do romance, que, como já falei, eu não estava escrevendo. Descer três andares naquela velocidade bastava para percorrer dois séculos de teoria literária. Ela dizia que meus personagens careciam de profundidade, como se fossem buracos. E que meu estilo precisava de mais textura, como se estivesse comprando tecido para cortinas. Ela falava com uma clareza impressionante, articulando as sílabas com tanto rigor que as ideias que transmitia, por mais escalafobéticas que fossem, pareciam evidências. Como se ela fosse capaz de atingir a verdade absoluta através da dicção e, de

quebra, aplicasse técnicas de hipnose. E funcionava! Era assim que ela havia se tornado ditadora da tertúlia, síndica do prédio, autoridade máxima em matéria de futricas e calúnias. Eu parava de prestar atenção nela e fechava os olhos para me concentrar na descida do meu zíper. Até que sentia o tranco do elevador ao chegar no hall, e Francesca fiava uma última frase, que eu pegava desfiada por ter perdido o fio da sua cantilena:

— Vai acabar como o povo de Yucatán, que quando não acha alguma coisa diz que não procurou.

E eu respondia:

— Quem não procura não acha.

Era uma frase de Schönberg que me lembrava o que minha mãe me dizia setenta anos atrás, quando eu perdia uma meia. Eu procurava e procurava, até que no fim descobria que a tal meia tinha sido comida pelo cachorro. Minha mãe morreu em 1985, no terremoto. O cachorro se adiantou em mais de quarenta anos e, por esganado, nem soube do desenlace da Segunda Guerra Mundial: engoliu umas meias de náilon longuíssimas, tão longas como as pernas da secretária do meu pai.

Eu tinha me mudado para o prédio numa tarde de verão, fazia um ano e meio, carregando uma mala de roupas, duas caixas de pertences, um quadro e um cavalete. Os móveis e alguns poucos aparelhos tinham chegado de manhã, num carreto. Ao atravessar o hall, fui me esquivando dos vultos da tertúlia e repetindo:

— Não se incomodem, não se incomodem.

Claro que ninguém se incomodava, todo mundo fingia que continuava sua leitura, mas o que estavam fazendo na verdade era me espiar com o rabo do olho. Quando afinal consegui chegar à porta do elevador, escutei o rumor que nascia da boca de Francesca e se espalhava de boca a orelha como telefone sem fio:

— É um artista!

— É uma pista!

— É um taxista!

— É um nazista!

Subi no elevador com as coisas que couberam nele e, dez minutos mais tarde, quando voltei ao hall para pegar o restante, como um Sísifo lentíssimo, vi que os tertulianos tinham organi-

zado um coquetel de boas-vindas, com champanhe de Zacatecas e biscoitos untados com patê de atum e maionese.

— Bem-vindo! — gritou Hipólita, ao mesmo tempo que me estendia um tubo de inseticida. — É só uma lembrancinha, mas vai precisar dela.

— O senhor nos desculpe — disse Francesca —, não sabíamos que era artista! Se soubéssemos, teríamos posto o champanhe para gelar.

Peguei o copo descartável que me ofereciam, com champanhe quente até a borda, e estiquei o braço para brindar, quando Francesca exclamou:

— À arte!

Meu braço ficou estendido muito horizontal, dando a entender que, em vez de brindar, o que eu pretendia era devolver o copo, o que, no fundo, era mesmo o que eu queria. Então me pediram que eu falasse, que dissesse algumas palavras em nome da arte, e o que eu disse, olhando desconsoladamente para a furiosa erupção de bolhas no copo de plástico, foi:

— Preferia uma cerveja.

Francesca sacou uma nota amarrotada de vinte pesos do seu porta-níqueis e ordenou a um dos tertulianos:

— Vá até a vendinha da esquina e traga uma cerveja para o artista.

Meio atordoado pela confusão, cheguei a escutar o tropel de perguntas que avançavam contra mim para derrotar meu anonimato:

— Qual a sua idade?

— É viúvo?

— Isso aí é o seu nariz?

— Onde o senhor morava?

— É solteirão?

— Por que não penteia o cabelo?

Eu sorria, imóvel, com o copo de champanhe intacto na mão direita e o tubo de inseticida na esquerda, até que se fez um silêncio para que eu respondesse.

— E então? — disse Francesca.

— Parece que houve um mal-entendido — declarei, infelizmente antes que o sujeito que ia comprar minha cerveja deixasse o prédio —, eu não sou artista.

— Eu falei! É taxista! — gritou Hipólita, triunfante, e descobri que sua boca era coroada por uma penugem escura.

— Na verdade, sou aposentado — continuei.

— Um artista aposentado! — festejou Francesca. — Não se desculpe, todos aqui somos aposentados. Todos exceto os que nunca fizeram nada.

— Eu também me aposentei da família — apontou Hipólita.

— Não, não, eu não fui artista — assegurei com uma veemência que até a mim pareceu suspeita.

Um tertuliano, que vinha chegando para me oferecer um prato cheio de biscoitos, deu meia-volta e o depositou numa das cadeiras.

— E então, compro ou não compro a cerveja? — perguntou o outro, do portão.

— Espere — ordenou Francesca, e em seguida me perguntou: — E o cavalete e o quadro?

— São coisas do meu pai — respondi —, ele gostava de pintar. Eu também gostava de pintar, mas isso foi há muito tempo.

— Que ótimo, um artista frustrado! — exclamou Francesca. — E de família! E pode-se saber a que o senhor se dedicava?

— Eu era taqueiro.

— Taqueiro?!

— Isso mesmo, tinha uma banquinha de tacos em La Candelaria de los Patos.

Os tertulianos começaram a devolver o champanhe à garrafa, mas, como todos tinham as mãos trêmulas, metade do líquido

escorreu fora do gargalo. Francesca olhou para o tertuliano que continuava no portão do prédio à espera do desenlace e ordenou:

— Devolva meus vinte pesos.

Senti que o peso do copo de champanhe sumia da minha mão direita, que Hipólita me arrancava o tubo de inseticida da esquerda, vi o tertuliano devolver a nota amarrotada para Francesca e a tertúlia toda pôs fim ao coquetel, dividindo os biscoitos e encaixando a rolha de volta na garrafa, antes de retomar a leitura. Francesca ainda me varreu com os olhos dos pés à cabeça e da cabeça aos pés, gravando bem minha desmazelada figura, e sentenciou:

— Impostor!

Eu também a olhei com atenção, percorrendo sua silhueta, seu corpo de vassoura empertigado e esbelto, reparei que tinha soltado o cabelo e aberto um pouco o decote do vestido enquanto eu subia ao meu apartamento e descia, senti a insólita tensão entre as pernas e, já tendo entendido qual era seu número, gritei pela primeira vez o grito que, daquele dia em diante, seria a contrassenha da nossa rotina:

— Me desculpe por ter sido taqueiro, *Madame*!